

MARTINS, Pedro; SÁNCHEZ, Héctor Ávila; WELTER, Tânia (orgs.). *Território e sociabilidade: relatos latinoamericanos*. 1ª ed. Florianópolis: Editora da UDESC, 2012. 272 p.

VALDIR ARAGÃO DO NASCIMENTO

Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil

DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v22i22p343-347

O livro “Território e sociabilidade: relatos latino-americanos” é uma publicação conjunta que reúne contribuições investigativas de pesquisadores latinoamericanos vinculados a diversas universidades situadas na América Latina. Organizado por Pedro Martins, Héctor Ávila Sánchez e Tânia Welter, o trabalho em questão é fruto de dez anos de intensa atividade do grupo de pesquisa – concebido em 2002 – intitulado Práticas Interdisciplinares em Sociabilidades e Territórios (PEST). Originalmente, os textos que compõem a coletânea em análise vieram a público quando da realização da IX Reunião de Antropologia do MERCOSUL (RAM), ocorrida em 2011 no Brasil, mais precisamente em Curitiba, capital do estado do Paraná, de 10 a 13 de julho.

A publicação em tela objetivou fomentar a discussão, dentre outros temas, a respeito das categorias rural e urbano e suas inusitadas fronteiras; que – ainda que reconhecidas – há muito estão negligenciadas enquanto objeto de pesquisa pela academia e, conseqüentemente, pelos seus representantes. No cerne das categorias mencionadas, despontam inúmeras outras que, embora tenham existência e estatuto próprios, aqui são analisadas como partes inerentes e indissociáveis da complexa dinâmica sociocultural em que estão inseridos o campo e a cidade.

Assim, perpassam pelos escritos coligidos questões que versam sobre a sociabilidade, ou sociabilidades – rurais, urbanas ou a intersecção entre ambas –; questões que problematizam os vieses que dizem respeito às transformações e sobrevivências das tradições em contextos urbanos e rurais; e, por último, mas não menos importante, questões que têm como foco os conceitos e as dimensões sociopolíticas e socioculturais que guardam, insofismavelmente, estreitas e complexas relações com o território, ou territórios, onde o campo e a cidade, ou o rural e o urbano, se interpenetram, se coadunam, se diferenciam e se completam.

A obra encontra-se segmentada em três divisões. A primeira parte, intitulada “Entre o rural e o urbano”, traz a lume as diversas facetas relacionadas ao campo e a cidade e às suas interconexões no tocante à territorialização; à sociabilidade; ao êxodo rural; às transformações identitárias, dentre outros temas de semelhante relevo. Composta por cinco textos, o primeiro capítulo dessa primeira parte figura sob o título “Las prácticas agrícolas en las periferias metropolitanas: territorialización y sociabilidad en ámbitos de interfase urbano-rural en América Latina”; redigido pelo pesquisador Héctor Ávila Sánchez. Aqui, o autor discute, diacronicamente, as diversas situações e fatores que propiciaram o estado atual dos fenômenos relacionados à territorialização e à

sociabilidade. Para encadear sua argumentação, traz à tona as questões que versam sobre as atividades que têm a agricultura como objeto, notadamente a realização dessas atividades em contextos urbanos.

Sánchez preocupa-se principalmente com a *periurbanização* que se tem verificado ao longo dos anos no entorno das grandes cidades, tanto em nível nacional quanto internacional. Para ele, o recrudescimento dessa prática tem trazido inúmeros problemas, tais como: implicações sociais e ambientais; fragmentação desordenada dos espaços urbanos – o que acarreta, segundo o autor, a produção de núcleos populacionais de proporções variadas. Desse modo, a população do campo – geralmente carente de recursos materiais e econômicos – que ocupa tais espaços, acaba vítima dos espaços suburbanizados; que se notabilizam pela pobreza, pela pouca inserção sociopolítica e pela falta de infraestrutura.

Dentre as consequências mais nefastas do aumento da periurbanização, Sánchez destaca os riscos que essa prática pode trazer à saúde pública e ao ambiente, desde o manejo exacerbado e o descarte inadequado dos produtos químicos utilizados no controle de pragas (pesticidas, agrotóxicos, matéria orgânica em estado bruto que pode conter metais pesados), até a contaminação direta de afluentes de água potável, de solo e ar.

O segundo texto é assinado pelos pesquisadores Ana Carolina Vinholi e Pedro Martins e tem por título “Êxodo rural e a identidade dos agricultores urbanos em Itajaí-SC”. Os autores abordam em suas análises – baseadas em estudo de caso realizado em uma cidade de porte médio localizada em Santa Catarina – as recíprocas conexões existentes entre agricultura urbana e êxodo rural. Fundamentados em dados qualitativos obtidos por meio de trabalho de campo e observação partici-

pante, Vinholi e Martins delineiam os fatores que propiciam e fomentam a assunção da agricultura urbana, o êxodo rural e a emergência de identidades diversas e conflitantes – e que por isso nem sempre assumidas e/ou reveladas conscientemente.

Marlon Javier Méndez Sastoque é o autor do terceiro texto, “movilidad rural-urbana-rural en el marco de las interacciones entre el campo y la ciudad”. Calcado em pesquisa realizada na cidade de Caldas, na Colômbia, Sastoque analisa a dinâmica cultural que tem lugar nessa região quando da ocorrência do deslocamento migratório da população rural até os centros urbanos e o movimento inverso desse processo: a volta desse contingente à sua terra de origem, ou seja, ao campo e à ruralidade que o caracteriza. Sastoque demonstra as inter-relações e as múltiplas trocas de experiência entre os habitantes do campo e os habitantes da cidade. Aponta a importância dessa experiência ao perceber que quando retornam aos seus lugares de origem, os imigrantes acabam por anexar os conhecimentos adquiridos na cidade às suas atividades e afazeres rurais. Assim, seu texto é um esforço de compreensão dos processos de readaptação enfrentados pelos sujeitos expostos à dinâmica ensejada pelo fenômeno migratório rural-urbano-rural.

“Francisco e Egon Schaden como atores na construção do imaginário de São Bonifácio-SC” é a contribuição de Pedro Martins e Tânia Welter à coletânea aqui analisada. Nesse quarto texto, os autores apresentam a relevância de Francisco Schaden, pai do antropólogo Egon Schaden, na construção do município de São Bonifácio, situado às encostas da Serra Geral, a 80 quilômetros da capital do estado de Santa Catarina. Francisco Serafim Guilherme Schaden, natural da cidade alemã de Leipzig, migrou para o Brasil em meados do século XX, estabelecendo-se inicialmente em Minas Gerais e, mais tarde, em Santa

Catarina, onde foi de extrema importância para o desenvolvimento da cidade de São Bonifácio.

Egon Schaden, por sua vez, notabilizou-se como um dos pioneiros da Antropologia indigenista brasileira, tendo atuado, durante sua carreira, na Universidade de São Paulo, onde foi um dos principais responsáveis pela criação da Revista de Antropologia – primeira revista dedicada à produção e divulgação do conhecimento antropológico do país. Procedendo as suas análises a partir do conceito de imaginário de Gilbert Durand (1997), os pesquisadores debatem as influências exercidas por esses pioneiros – Francisco e Egon Schaden – no processo de constituição estrutural, tanto do território quanto da cultura, da cidade de São Bonifácio.

A partir de trabalho também realizado em Santa Catarina, intitulado “Desenvolvimento Territorial Sustentável com Identidade Cultural na Zona Costeira de Santa Catarina” (Projeto DTS IC/SC), Mauro De Bonis Almeida Simões, Sérgio Leite Guimarães Pinheiro e Claire Cerdan são os responsáveis pelo quinto texto; onde destacam a importância dos diversos atores sociais no processo de integração existente entre as cadeias produtivas, organizações privadas, instituições públicas e setores econômicos na zona costeira catarinense. Desse modo, o que se objetivou com a realização do projeto foi fomentar o desenvolvimento territorial da região. Para tanto, tornou-se imprescindível oportunizar o diálogo entre os principais agentes econômicos da região.

A segunda parte do livro, sob o título “Sociabilidades Urbanas”, também se subdivide em cinco textos. Abrindo o primeiro tema dessa segunda parte, o antropólogo Santiago Bachiller, com notável sensibilidade, aborda as estratégias de sobrevivência e as manifestações de sociabilidade que as pessoas expostas à condição de sem-teto vivenciam nos contextos

urbanos. A partir de categorias como sociabilidade, isolamento e identidade, o autor assevera que as relações estabelecidas pelos *homeless* não se notabilizam pela harmonia; e que, fatalmente, viver na rua é confrontar-se com transformações, nem sempre positivas, no tocante às formas de sociabilidade e subjetividade que tal condição engendra.

Analisando as manifestações de sociabilidade nos centros urbanos, o cientista social Marcelo Rodrigues Lemos elabora suas elucubrações no texto “Sociabilidade e centros urbanos: interações no terminal de transporte público de Uberlândia / MG”. Articulando as contribuições de autores como Simmel (1987); Tönnies (1995) e Marc Augé (2007), dentre outros, Lemos reflete sobre a emergência de tipos de sociabilidade diversas que podem ser facultadas pelas práticas contemporâneas e que podem se desenvolver – e efetivamente ocorrem – em “um ambiente de movimentação constante de indivíduos em situação de trânsito” (p. 170).

A professora Tereza Mara Franzoni subcreve o texto “Teatralidade, atores e redes no planejamento urbano na Ilha de Santa Catarina”, onde discorre – partindo de referenciais antropológicos – acerca dos usos e formas de ocupação do solo e os impactos diretos e indiretos que tal ocupação pode acarretar em um futuro nem tão distante. Baseada nas narrativas dos moradores de Campeche, distrito de Florianópolis-SC, Franzoni analisa as frequentes menções de seus interlocutores a respeito das categorias passado e presente e, a partir delas, traz à tona as diversas teorias (erigidas pela população local) sobre o futuro de Campeche; assim como suas mazelas e o custo-benefício de suas conquistas.

O quarto texto, “Território, sociabilidades e territorialidades: um estudo em um bairro Belo-Horizontino”, fica a cargo da doutoran-

da em Ciências Sociais Marcia Cristina Senra Marinho de Lima. A autora problematiza, tomando como objeto a cidade de Belo Horizonte-MG, mais precisamente o Bairro Santa Ifigênia, as interconexões existentes entre território, compreendido como resultado de ocupação e conseqüente transformação social de um espaço, e a apropriação desse espaço na construção de sentimentos de pertença e emergência de sociabilidades e estilos de vida associados ao fenômeno urbano.

Diante desse processo, Marinho de Lima (p. 207) assevera que um bairro é muito mais que uma simples extensão dos limites citadinos; constituindo-se um local que, para a autora, é

[...] resultado histórico de um conjunto de processos de viver e fazer cidade, no qual os atores sociais desenvolvem parte de suas práticas cotidianas criando uma atmosfera familiar, gerando uma continuidade entre a casa, o bairro e os demais espaços da cidade.

No quinto texto, da socióloga Ana Lucia Hazin Alencar, denominado “De território a lugar: em busca da sociabilidade”, a autora apresenta algumas conclusões obtidas a partir de uma pesquisa realizada com proprietários de *segunda* residência no município de Gravatá, localizado nas proximidades da zona de transição entre a mata e o agreste de Pernambuco. Alencar põe em relevo as inúmeras dimensões simbólicas que a apropriação desse espaço fomenta, como a reunião de pessoas e a conseqüente manifestação de várias formas de sociabilidade que esta enseja. A autora discute, ainda, os problemas relacionados à segurança pública (ou à falta dela) nas grandes cidades; atribuindo tal fato ao jogo de poder e de interesse que têm lugar entre os vários grupos sociais que disputam a hegemonia dos territórios.

A terceira parte da coletânea, sob o título “Tradição e sociabilidade”, é composta por dois textos: “No ‘tempo dos antigos’: objetos e práticas tradicionais como afirmação dos cipozeiros” e “Território e religiosidade: práticas de benzedura como expressão do modo de vida e do espaço rural”. O primeiro texto, de autoria de Douglas Ladik Antunes e Roberto Martins de Souza, discute a situação atual dos cipozeiros e cipozeiras de cidades de Santa Catarina e Paraná a partir de categorias como práticas tradicionais, identidade, tradição, cultura imaterial, território e religiosidade.

O segundo texto, de autoria de Luana Carla Martins Campos e Kenia Caroline Vieira da Silva, aborda as práticas de benzedura como expressões de religiosidade popular, que ocorrem em dois municípios mineiros: Pai Pedro e Conceição do Mato Dentro. As autoras analisam as experiências relacionadas à benzedura em três comunidades específicas dentro dos municípios mencionados – a comunidade de Tapeirinha (município de Pai Pedro), à de Ferrugem e à de Água Santa (município de Conceição do Mato Dentro). Campo e Silva (2012) demonstram com esse trabalho como são importantes as práticas simbólicas “para a organização social e a manutenção dos vínculos identitários dos moradores das comunidades estudadas, de forma a marcar as formas de sociabilidades e vivências daqueles sujeitos”. Desse modo, enfatizam a defesa do direito às práticas e expressões religiosas como parte de um processo de enfrentamento aos óbices impostos à diversidade cultural e às liberdades de culto e pensamento.

Os doze textos reunidos nessa coletânea configuram-se esforços dos autores das mais diversas áreas do conhecimento na tentativa de apresentar e discutir tanto a apropriação e transformação dos espaços geograficamente considerados quanto as transformações e expe-

riências nos espaços do intangível e do inefável; que são domínios da cultura e do fazer humano. Assim, faço minhas as palavras de Henri Acselrad quando assevera que o livro

[...] sugere, por fim, é a necessidade de se considerar esta pluralidade de novas condições espaciais e de novos cenários de ação pública de modo a que se possa respeitar e integrar no pla-

nejamento territorial as culturas e usos do solo por parte de sujeitos cuja territorialização remete a uma nova cartografia do social (p. 10).

Nesses textos, mais que uma análise de territórios e limites, estão presentes a força e a tenacidade dos atores sociais que, ao ocuparem os espaços físicos, ocupam também os espaços culturais e, com isso, transformam – das mais inusitadas formas – as realidades locais.

autor **Valdir Aragão do Nascimento**
Mestre em Antropologia / UFGD